



PROMOÇÕES

ÚLTIMA HORA

PROGRAME-SE



30°
23°

ALÔ
REDAÇÃO

edições anteriores

FORTALEZA, CEARÁ | SEGUNDA-FEIRA | 24 DE SETEMBRO DE 2007

- ESPECIAL
- Chico Xavier
- Diário 1981-2006
- Sereia de Ouro
- Sul-Americano de Atletismo
- CADERNOS
- Capa de Hoje
- Colunas
- Última Hora
- Opinião
- Política
- Nacional
- Internacional
- Cidade
- Polícia
- Negócios
- Caderno 3
- Jogada
- Regional
- Zoeira
- SUPLEMENTOS
- Automóvel
- Cultura
- Eva
- Gente
- Infantil
- Tecnologia
- Turismo
- Viva
- SERVIÇOS
- Alô Redação
- Assine o Diário
- Classificados
- Clube do Assinante
- Edições Anteriores
- Expediente
- Jornal na Sala de Aula
- Política de Privacidade
- VEÍCULOS
- FM 93
- Portal Verdes Mares
- Recife FM
- TV Diário
- TV Verdes Mares
- Verdinha
- PRIMEIRA PÁGINA



ESPORTE É AQUI.

CADERNO 3

DIÁRIOS ASSOCIADOS (20/9/2007)

Uma vida e muitas lutas

Eduardo Campos dirigiu, durante anos, os Diários Associados. Imprimiu sua marca em jornais, rádio e TV

Manuel Eduardo Pinheiro Campos comandou os Diários Associados no Ceará, influente grupo de comunicação comandado por Assis Chateaubriand. Os jornais "Unitário", "Correio do Ceará", "Ceará Rádio Clube" e, depois, a TV Ceará foram, durante anos, presididos por Eduardo Campos. Vivenciou duas ditaduras - a do Estado Novo - e a Militar. Vivenciou também um interregno democrático dos governos Dutra a João Goulart. Como dirigente dos Diários Associados, Manuelito foi testemunha de importantes fatos da história nacional e local.

No rádio, Manuelito aprendeu a importância da comunicação de massa. Mesmo nas agruras do Estado Novo, soube manejar como ninguém esta poderosa arma de comunicação, apesar da censura do, então, Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Mesmo dirigindo os Associados do poderoso Assis Chateaubriand, ele foi submetido aos muitos ditames do Estado Novo, entre eles, a de tirar um cartão de inscrição "com retrato, matrícula e tudo" para ter acesso a uma grande arma do período: o microfone. Nesta época, pouco mexia com política. O esporte, entretanto, era o forte da programação. Mexia com as multidões

Censura

Com a eleição de Paulo Cabral para a prefeitura de Fortaleza, em 1951, Eduardo Campos passou a comandar a Ceará Rádio Clube. Tinha como a principal meta atingir um certo percentual com a venda de anúncios, objetivos estipulados pela alta direção dos Associados. Não existiam agências de publicidade. E, quase todos os redatores, redigiam e liam os anúncios. As metas financeiras sempre foram ultrapassadas. Momento em que Manuelito ficou amigo de Dermival Costa Lima e, principalmente, do famoso Antônio Maria. Manuelito revelou que Maria, um "gordão simpático", foi uma pessoa decisiva na sua carreira nos Associados. Com Maria, que chegou a morar em Fortaleza, mudando-se depois para Salvador e Rio de Janeiro, Manuel Eduardo Campos trocou cartas de grande afeição. Cartas, inclusive, onde Maria falava mal de muita gente. Por isso, guardadas a sete chaves.

Não era fácil dirigir um meio de comunicação naquela quadra histórica do País. A censura não partia apenas do Estado Novo, dos políticos, mas também da Igreja. O rádio, segundo Manuelito, vivia entre muitas restrições. Pisava-se em ovos. Os choques com o então arcebispo de Fortaleza, Dom Antônio de Almeida Lustosa, foram

GALERIA



Eduardo Campos foi superintendente dos Associados e fez do jornalismo uma profissão de fé (Foto: Cid Barbosa - 28-09-1990)



Recebendo a Sereia de Ouro, em 1990 (Foto: Cid Barbosa - 28-07-1990)



Em um momento descontração em seu gabinete (Foto: Cid Barbosa)

MATÉRIAS RELACIONADAS

CADERNO 3



Para a nova geração

A editora Globo está lançando toda a obra de Monteiro...



Pancadaria sem fim

"Rogue, o assassino", 'thriller' policial que...



Brincante nordestino

O pernambucano Antônio Nóbrega é o próximo...



Violência e culpa

Divulgado em cópias piratas antes de seu lançamento,...



'Não existe sucesso de um homem só'

Economista, ex-professor da Universidade de Fortaleza, o...

Diretor filma a própria família

Antes de responder à primeira pergunta sobre sua comédia 'Ligeiramente Grávidos', em cartaz nos cinemas do Brasil, o...

Termina Bienal

Shopping

Pesquisar Preços de

buscar



Compare Preços MP3 Player A partir de R\$79,00



Compare Preços Celular A partir de R\$44,00



Compare Preços DVD Player A partir de R\$109,00



Compare Preços Câmera Digital A partir de R\$59,90

muitos. Choques também com o interventor ou governador e o comandante da Região Militar. Era a trinca que mandava no Estado. Por isso, nada de críticas, juízos de valor. Os Associados, pelo menos no Ceará, ainda segundo Manuelito, noticiavam apenas os fatos. Nada de doutrinação política, nem de posicionamentos energéticos. O importante era o fato político. Não a política.

Sobre a TV Ceará, Manuel Eduardo tinha boas, aliás ótimas, lembranças. Ele denominava de "anos dourados". "Jamais nós teremos uma televisão com tanta expressão artística, estética. Produzíamos grandes espetáculos". Lembrava também de Péricles Leal - "um homem altamente competente, de grande formação intelectual" - que ajudou na construção da primeira televisão do Ceará. Adaptava-se programas da literatura francesa, inglesa e americana. Programas que conquistavam o público. Atores, diretores, cenógrafos, enfim, todos os técnicos eram genuinamente cearenses. "Era uma espécie de fábrica de sonhos". A imaginação, na verdade, era o limite. Tudo era feito ao vivo. Não havia videotape. "A coisa hoje mudou. Naquele tempo, fazíamos e criávamos ao vivo. Um cenário era destruído após um programa e, imediatamente, confeccionávamos outro. Era realmente uma fábrica de sonhos. De grandes e saudosos programas. No rádio, repetíamos o mesmo sucesso através dos programas de auditório. O público gostava muito. Tudo era feito por nossos atores, diretores de cena. O sotaque era cearense. Hoje o contexto histórico mudou".

Lucros

Com tantos artistas, técnicos, jornalistas, escritores, Manuelito nunca "operou no vermelho". A televisão era uma novidade - dizia - e o cearense sempre gostou de novidades". Nos anos 60, superintendente dos Associados no Ceará, Manuel Eduardo Campos, sem qualquer orientação da cúpula da empresa, encampou a idéia do golpe militar. "Podia perder até meu emprego por causa do meu envolvimento com a revolução. Tudo que fiz foi à revelia dos Associados. A minha sorte é que o dr. Chateaubriand também acabou por apoiar os militares".

Além de rádio e tevê, Manuel Eduardo Campos vivenciou o jornalismo impresso durante pelo menos 20 anos de sua vida. Confessou em várias entrevistas que nunca foi centralizador, nem comandou o império dos Associados no Ceará com mão-de-ferro. Dentro das empresas, sempre agiu com democracia. Nunca administrou apenas de sua sala. Era homem do papo de cozinha, de visitar as oficinas dos jornais. Atendia a todos. Dos jornais, seguia para o rádio e, depois, para a TV. Lembrava sempre de um programa que era o carro-chefe chamado de "Divertimento em Sequência" e de outros números programas de auditório.

Ato 5

No campo da política, Manuel Eduardo Campos acabou por se desiludir com os militares a partir do Ato 5 - "Dentro dos meus princípios jurídicos, da minha formação de Direito, eu recuei. Disse que não participaria de mais nada. E realmente não participamos de mais nada depois do Ato 5. Não combatíamos o governo, mesmo porque não podíamos. Mas deixamos de prestigiá-lo".

Sobre Chateaubriand, ele confessava que nunca se guiou pelo seu estilo ou idéias, mesmo porque nunca houve essa cobrança. "Nunca exigiram nada de mim. Fazia o que achava o que era correto. Os erros que cometi foram produzidos por mim. Não porque fui orientado por alguém".

Com tanto poder, Manuel Eduardo Campos revelava que nunca o usou para denunciar ninguém. "Pelo contrário, sempre usei o poder para soltar meus amigos acusados pelos militares. O que ocorreu com o jornalista Blanchard Girão. E até mesmo com o governador Virgílio Távora, envolvido durante o golpe, numa rede de intrigas". Depois, foi secretário de Cultura do governo biônico de Virgílio Távora, de quem tornou-se muito amigo.

O declínio dos Associados, segundo Manuel Eduardo Campos, foi em consequência do contexto político e não da má administração. O declínio dos jornais era visível. O concorrente "O Povo" tinha uma tiragem de 18 mil, enquanto os jornais dos Associados não atingiam oito mil exemplares. Chegou um momento em que o "Unitário" circulava apenas aos domingos e o "Correio do Ceará" nos demais dias da semana. Os militares acabaram fechando a TV Ceará, uma emissora que dava lucros - segundo várias entrevistas de Manuel Eduardo Campos -, "apenas por motivos políticos". A partir do fechamento da TV, os outros órgãos começaram a declinar de maneira insustentável. Ele cita, principalmente, os generais João Baptista Figueiredo e Golbery do Couto e Silva como inimigos número um dos Associados.

Uma vida de muitas lutas, percalços e jornalismo. Apesar de distante, Manuel Eduardo Campos sempre foi um admirador de Assis Chateaubriand - "era um gênio". O mesmo dizia de Páulo Cabral, João Calmom e Rômulo Siqueira, amigos de longo percurso. Mesmo com o declínio dos Associados, Manuel Eduardo Campos não abandonou o jornal.

Dirigiu a Ceará Rádio Clube e escrevia no Diário do Nordeste sobre os mais diversos assuntos. Gostava de lembrar o passado com suas festas e rituais. Falava muito de culinária. Da mentalidade da época. Uma viagem ao tempo diante de uma memória infalível. Manuel Eduardo Campos foi jornalista até os últimos dias de sua vida.

Autorização SCM - ANATEL

Tire a sua SCM em 45 dias - VIASAT. Ligue: (+55) 35 3471 3272

Submarino Viagens

A agência de viagens da Americanas. Descontos de até 10%. Reserve já!

Anúncios Google

COMENTE ESSA MATÉRIA

NOME:

E-MAIL:

CIDADE:

TELEFONE:

COMENTÁRIO:

OK

© 2007 EDITORA VERDES MARES. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.